



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CAPANEMA
FACULDADE DE HISTÓRIA

O encantamento do menino Bianor: Memórias e Territorialidades na Amazônia Atlântica, Curuçá-PA

ELISANDRA CARNEIRO DOS SANTOS

CAPANEMA/PA
2026

ELISANDRA CARNEIRO DOS SANTOS

O encantamento do menino Bianor: Memórias e Territorialidades na Amazônia Atlântica, Curuçá-PA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de História da
Universidade Federal do Pará - UFPA,
Campus Universitário de Capanema, para
obtenção do Grau de Licenciatura em
História, sob a orientação da Profa. Dra.
Vanderlúcia da Silva Ponte

CAPANEMA/PA
2026

Elisandra Carneiro dos Santos

Tema: O encantamento do menino Bianor: Memórias e Territorialidades na Amazônia Atlântica Curuçá-Pa.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de História da Universidade Federal do Pará - UFPA, *Campus* Universitário de Capanema, para obtenção do Grau de Licenciatura em História, sob a orientação da Profa. Dra. Vanderlúcia da Silva Ponte

Banca examinadora:

Profª. Dra. Vanderlúcia da Silva Ponte – FAHIST/UFPA

Orientadora

Profº. Dr. Dário Benedito Rodrigues Nonato da Silva - FAHIST/UFPA

Examinador Interno

Ma. Joana Darte Sousa Piedade - SEMED/PA

Examinadora Externa

Capanema, ____ de _____ de 2026.

dedicatória

Dedico este estudo à minha filha, Ayanna Eloá, que, mesmo sem compreender o processo, foi a maior incentivadora desta minha caminhada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me dar forças para seguir em frente.

Agradeço à minha família por todo incentivo e apoio. De forma especial, agradeço aos meus pais Ezequiel Negrão e Luiza Carneiro, assim como, ao meu esposo, Augusto Silva, pelo apoio incondicional durante todo esse percurso.

À minha orientadora, professora Vanderlúcia Ponte, minha gratidão pelo apoio, paciência e compreensão.

Às minhas amigas dessa caminhada: Sara Lopes, Michele Barreto, Mariele Coimbra, Suzi Caldas e Danyla Vale, obrigada por dividirem comigo cada etapa. Esta conquista não é apenas minha, mas de todos que cruzaram o meu caminho nessa trajetória.

RESUMO

Este trabalho analisa a narrativa do encantamento de Bianor, karuana das águas da Vila de Mutucal, Ilha de Fora, município de Curuçá, suas relações com memória coletiva, territorialidade e preservação ambiental. Segundo a tradição oral da comunidade, Bianor era uma criança que, desapareceu enquanto se banhava no rio e transformou-se em karuana, tornando-se guardião das águas, das matas e dos manguezais da região. A pesquisa teve como objetivo compreender como essa narrativa influencia os modos de vida, os costumes e a relação dos moradores com a natureza, bem como identificar as memórias construídas sobre o encantado. Adotou-se abordagem qualitativa, fundamentada em pesquisa bibliográfica e em entrevistas semiestruturadas realizadas com quatro moradores da Vila de Mutucal. Com base nos estudos sobre memória coletiva de Maurice Halbwachs e Jacques Le Goff, sobre história oral de Alessandro Portelli, discutiu-se sobre territorialidade e cosmologias amazônicas. Os resultados demonstram que a memória sobre Bianor não constitui um relato isolado, mas um código moral de convivência com o território, transmitido oralmente entre gerações e atualizado no cotidiano comunitário. Da mesma maneira, que o encantado atua como autoridade territorial, regulando o uso dos recursos naturais, exigindo pedidos de licença para o acesso ao rio e às matas e punindo aqueles que desrespeitam tais regras, contribuindo para a preservação dos ecossistemas e suas diversidades. Conclui-se que a narrativa de Bianor configura-se como patrimônio cultural da comunidade de Mutucal, articulando memórias, identidade e uma ética ambiental fundamentada em saberes tradicionais. A valorização e o registro dessa narrativa são fundamentais para a continuidade dessa cosmologia amazônica e para o reconhecimento da história e da identidade cultural da Amazônia paraense.

Palavras-chave: Memória coletiva. Encantaria. Territorialidade. História Oral. Mutucal .

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Localização do município de Curuçá, Pará, com destaque para a Ilha de Fora e a Vila de Mutucal

Figura 2 – Rio Muriá que dá acesso a Vila de Mutucal, Curuçá-PA

Figura 3 – Vila de Mutucal, Curuçá-PA

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Descrição dos participantes da pesquisa

Sumário

1.INTRODUÇÃO.....	9
2.METODOLOGIA	11
3.FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	15
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	21
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	28

1.Introdução

Os encantados, são seres que surgem das águas, das matas e de outros lugares e são detentores de grandes aprendizados, tornam-se mediadores entre o mundo humano e sobrenatural. Podem ser pessoas comuns que não passaram pelo processo de morte material de seu corpo, no qual, vão para um mundo espiritual, não o mundo dos espíritos da crença cristã, mas sim o mundo dos encantados, em que os seres que vivem na floresta ou embaixo da água, nos manguezais, nas matas, tornam-se protetores dos rios e florestas. (MAUÉS, 1999).

Os elementos da natureza como o solo a flora e a água estão intimamente ligadas as moradias desses seres espirituais. Na Amazônia a fé nos encantados está presente em grande parte desta vasta região, sendo esse fenômeno e suas manifestações conhecidos como encantaria, em cujos lugares de morada desses seres são designados de encantos.

Nesse sentido, torna-se relevante pesquisar sobre o mundo das encantarias, pois as pessoas gostam e desejam ouvir, porque elas refletem os seus modos de viver, suas visões de mundo, e ao mesmo tempo reforçam a memória local e os laços de pertença a um território e a uma comunidade. Dessa forma, este trabalho tem como objetivo compreender como a karuana do Bianor influencia a vida e os costumes das pessoas, bem como a relação de preservação da natureza, e as memórias que os moradores guardam a respeito dessa narrativa.

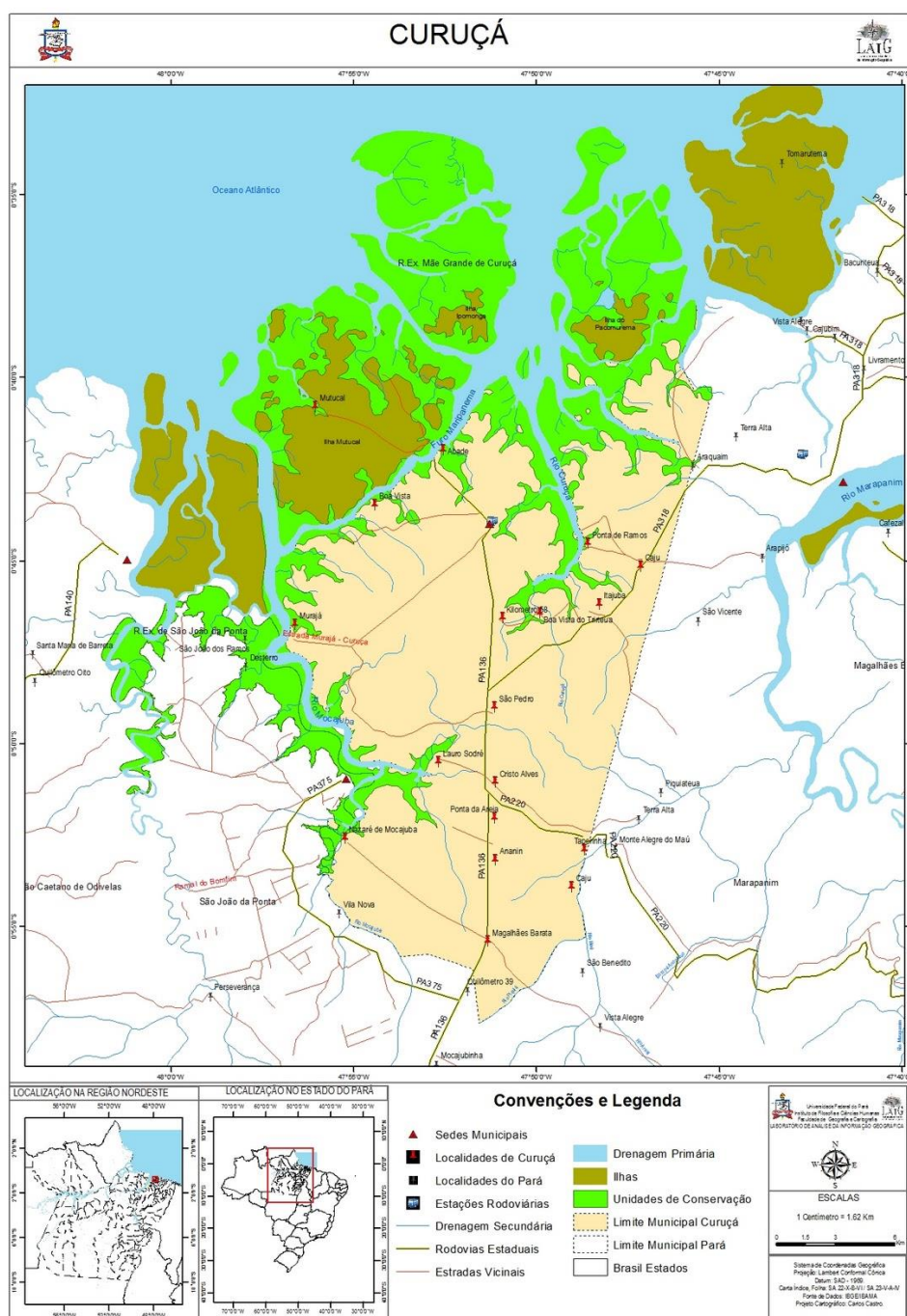
O presente trabalho abordará os seres encantados e sua importância no meio amazônico. Objetiva-se observar sua especificidade no local de pesquisa escolhido, a Vila de Mutucal, situada no município de Curuçá-PA, a partir da narrativa de encantamento de um morador da zona rural do município, busca-se, ainda, investigar a sua relação de cooperação com a natureza e a comunidade; bem como compreender como a memória social e coletiva estão relacionadas com as vivências que marcam a relação das pessoas com o lugar, suas territorialidades, a partir da narrativa de Bianor.

A cidade de Curuçá, segundo o IBGE, está situada na zona fisiográfica do salgado, distanciando-se a 137/km da capital do Estado (Belém), marcada pela forte presença dos manguezais, relevos peculiares formados por lagos, rios e desembocaduras entremeadas por águas doce e salgada. (IBGE, 2025)

No entanto, é de suma importância destacar que, a vila de Mutucal, situa-se na denominada Ilha de Fora, que inclui também as localidades de Pedras Grandes, Iririteua,

Recreio, Algodualzinho e Arapiranga de Fora. Localiza-se a 8/km descendo a estrada de terra da localidade de Pedras Grandes, banhada pelo Rio Muriá e Oceano Atlântico, teve sua fundação a aproximadamente cem anos, e foi elevada a categoria de Vila em 1943. (IBGE, 2025)

Figura 1 – Localização do município de Curuçá, Pará, com destaque para a Ilha de Fora e a Vila de Mutucal



Fonte: Laboratório de Análise de Informação Geográfica – LAIG/UFPA, com base em dados do IBGE/SEMA (2025).

Figura 2 – Rio Muriá que dá acesso a Vila de Mutucal, Curuçá-PA



Fonte: Acervo pessoal da autora (2025).

Figura 3 – Vila de Mutucal, Curuçá-PA



Fonte: Ernani Alves (2025).

A narrativa de Bianor despertou-me atenção como estudante de graduação do Curso de História e como moradora da cidade. Eu ficava encantada ao escutar os relatos das pessoas, principalmente dos meus pais, sobre o menino encantado da ilha de Mutucal, bem como da comunidade em geral, pois na cidade as pessoas são detentores de importantes saberes nos quais se veem e se conectam através das experiências, trocas e mediações culturais vividas por homens e mulheres que agenciam e recriam continuamente identidades, saberes e religiosidades, bem como seus modos de viver, em que a oralidade é um componente importante de transmissão de saberes os quais passam de geração em geração.

A partir dessas vivências, compreendi a importância da memória como um fator determinante na continuidade das narrativas de encantados devido sua característica essencialmente coletiva, e da sabedoria popular.

Segundo Le Goff (1996), a memória é o objeto principal no trabalho com as fontes orais, pois o estudo demonstra, por intermédio das testemunhas, como a memória se constrói coletivamente e é atualizada. Diante disso, enfatiza-se como a memória coletiva e as fontes orais podem ser fundamentais não apenas como método de pesquisa, em uma produção pontual, mas, como fonte de atualização histórica de um povo, seja para a conservação de sua identidade cultural, e, conseqüentemente, para a valorização do conhecimento ancestral dos povos, seja como legado constante, que atravessa gerações.

A presente pesquisa tem como tema central a discussão sobre a narrativa do Bianor, que nas margens do Rio Muriá, onde as águas do rio se encontram com as águas do mar salgado do Atlântico, esse encantado faz morada.

A análise sobre as narrativas tecidas pelos moradores sobre o encantado Bianor é pertinente uma vez que os moradores da vila de Mutucal carregam em suas memórias essas narrativas no peito há gerações. Dizem os moradores da Vila que Bianor, em um dia comum, deixou de ser só um menino, tornando-se guardião das águas, das matas e tudo que vive naquele lugar. Bianor era uma criança comum morador da ilha, vivia como qualquer outra criança ribeirinha, criado entre a maré vazante e a maré enchente, acostumado a caminhar na mata e banhar-se nos rios. Em um desses eventos do cotidiano, Bianor foi banhar-se e não mais voltou, se encantou.

Nas cosmologias amazônicas encantar-se é diferente de morrer. O corpo não passa pelo fim comum, ele atravessa para outro mundo, o mundo dos encantados. E esses seres habitam os rios, as matas e manguezais, na qual revela uma epistemologia local onde o encantado atua como regulador do território, espaço em que não pode desmatar, não se

deve caçar e matar os animais em excesso, não pode adentrar na mata sem pedir licença. É no local de sua morada, que este ser exerce seu poder de agência, no sentido de afastar os humanos - que nem sempre se trata de uma retaliação, mas muitas vezes é no sentido de manter uma separação necessária entre o mundo visível e invisível.

Bianor tornou-se um encantado do fundo, um karuana. Enquanto, encantado do fundo, Bianor manifesta-se no rio e igarapés, espaço que constitui sua morada, no qual guarda, protege e tem o poder de castigar invasores e muitos dos que apresentam uma má conduta em relação ao uso da natureza, ou aos que desrespeitam sua presença e o desafiam. Desse modo, uma vez que o encantado, mesmo ao cometer punições, manifesta-se para proteger o meio ambiente e a preservação da natureza, garantindo o respeito ao ecossistema e as suas diversidades.

Em síntese, este trabalho dialoga com autores que fundamentam três eixos teóricos centrais. Para a compreensão dos encantados e das cosmologias amazônicas, baseia-se em Maués (1990; 1999) e Filho (2013). Para discutir memória coletiva e história oral enquanto método, apoia-se em Le Goff (1996), Halbwachs (1990), Duarte (2002), Portelli et al. (2012^a; 2012^b) e Thompson (1992). E para pensar território, territorialidade e saberes tradicionais, articula Fausto (2008), Kopenawa e Albert (2023), Krenak (2022), Santos (2018; 2023), Gallois (2004), Pacheco (2010), Almeida (2010), Lima (2022) e Piedade (2024).

2. Metodologia.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, realizada por meio de abordagem bibliográficas e de atividades de campo, com entrevistas semiestruturadas. Os sujeitos participantes da pesquisa foram selecionados de forma intencional, os critérios para a inclusão dos participantes foram definidos da seguinte maneira: 1) ser morador da vila de Mutucal, 2) Ter conhecimento da narrativa do menino Bianor, 3) E que aceitasse me receber em sua residência e dessa forma compartilhar comigo suas memórias. A partir daí pude ter um melhor direcionamento do meu lócus de pesquisa.

Sobre a pesquisa qualitativa, Duarte (2002, p.141) considera que,

Pesquisas de cunho qualitativo exigem a realização de entrevistas, quase sempre longas e semi-estruturadas. Nesses casos, a definição de critérios segundo os quais serão selecionados os sujeitos que vão compor o universo de investigação é algo primordial, pois interfere diretamente na qualidade das informações a partir das quais será possível construir a análise e chegar à compreensão mais ampla do problema delineado.

A partir disso, foram selecionados os sujeitos participantes da pesquisa que são moradores, parentes e professores, no total de quatro pessoas. As entrevistas foram realizadas na vila de Mutucal na cidade de Curuçá-PA, por ser o lugar de origem da narrativa. Foram feitas visitas à Vila e realizado alguns contatos com os moradores, de forma que conversamos para maior aproximação e familiarização com os moradores da comunidade. Pude nesse momento preliminar obter as informações necessárias para observar quais memórias foram construídas a respeito da Karuana de Bianor, e assim dar início as entrevistas com os sujeitos que compõem esta pesquisa.

Nesse sentido, a pesquisa dialoga com os pressupostos da história oral enquanto método de investigação. Para Portelli, (2012a), a entrevista de história oral diferencia-se de outras fontes documentais por constituir-se como um experimento em igualdade, a relação entre pesquisador e entrevistado não é vertical, mas dialógica, uma vez que ambos participam ativamente da construção do sentido da narrativa. Essa perspectiva amplia o que propõe Duarte (2002), ao situar a definição dos critérios de seleção dos sujeitos não apenas como uma etapa técnica da pesquisa, mas como parte de uma negociação de sentido entre quem pesquisa e quem narra.

Os autores, PORTELLI ET al.,2012, argumentam ainda que aquilo que torna a história oral diferente das demais fontes não é somente o registro da fala, mas sim de ela ser, ao mesmo tempo, um evento e um relato sobre o evento, a narrativa do entrevistado é sempre também uma interpretação do vivido. Esse aspecto dialoga diretamente com a proposta desta pesquisa, pois as memórias sobre o encantamento do menino Bianor não são apenas relatos de um fato passado, mas reinterpretações atualizadas pelos moradores de Mutucal, no presente da entrevista, sobre o significado do encantado para a vida da comunidade.

Ao aproximar Duarte (2002) e Portelli et al. (2012a), compreende-se que a metodologia qualitativa baseada em entrevistas semiestruturadas e a história oral não são caminhos diferentes, mas sim complementares pois, enquanto a primeira fornece os critérios para a seleção e condução das entrevistas, a segunda oferece o arcabouço teórico para interpretar essas falas como experiências vividas, e não apenas como dados, reconhecendo nos sujeitos entrevistados verdadeiros coautores da pesquisa.

Partindo desse pressuposto, pude pensar como a memória se reproduz por meio da projeção ou transferência de eventos, a partir da oralidade, quando a história de vida de Bianor é memorada por pessoas que ao menos tiveram a chance de conhecê-lo enquanto estava vivo.

A análise de narrativas como a do menino Bianor encantado, possibilita ao pesquisador compreender como esses seres e suas histórias se conectam com as práticas culturais e espirituais da comunidade, bem como preservam a memória coletiva.

Alguns relatos coletados se apoiam na memória coletiva de seu Aurelino Rocha, 73 anos, aposentado, nascido e criado em Mutucal, reconhecido na Vila como um dos guardiões da narrativa local, foi seu Aurelino que me informou, que a senhora Dorotil Silva, parente próxima dos pais de Bianor e que sabia falar sobre a narrativa. Através do convívio com tais pessoas tive contato com o Ernani Alves, e em seguida com a professora Eulália Azevedo, tais sujeitos foram fundamentais para falar sobre as narrativas de como o Bianor se tornou encantado. Assim, a lembrança precisa de um grupo afetivo é construída a partir do convívio social do indivíduo com outros indivíduos ou grupos sociais.

Diante disso, este trabalho caminha para restituir a memória coletiva, tendo como referência os estudos de Maurice Halbwachs (1990). Segundo o autor, a memória não se constitui isolada do grupo social, ou seja, mesmo a memória individual resulta das lembranças do grupo em que o indivíduo está inserido. Assim, a memória é fruto de um processo de reconstrução com base nos contextos sociais.

De modo semelhante podemos observar que a memória sobre a narrativa do encantamento do menino Bianor se constitui a partir da memória coletiva de Mutucal. A narrativa transmitida oralmente por gerações conta que Bianor era um menino comum, criando na vila, acostumado a caminhar na mata e frequentar os rios. Em um dia saiu e não voltou: encantou-se. Desde então passou a habitar as águas, como dono e guardião, regulando o comportamento de quem frequenta e usa o rio.

Tal narrativa institui as regras do local: se desrespeitar o rio, o Bianor castiga. Portanto, só é possível falar da memória coletiva de Mutucal, a partir da história de Bianor, pois é nela que aos moradores fundamentam as regras, seus modos e a sua relação com o território.

Dessa forma, torna-se importante destacar que a memória é um elemento que fortalece os sentimentos de identidade, tanto individual como coletiva, visto que tem relação com as vivências, continuidade e de integração das pessoas ou de grupos sociais que passam por constantes transformações em relação com os outros.

Preservar as narrativas locais é manter a cultura, os modos de viver, é garantir viva essa cosmologia de um povo que sofre constantes transformações, principalmente quando saem de seu lugar de origem e passam a morar em lugares onde a cultura dominante das

cidades tem outras maneiras de viver e outras representações, e não respeitam os modos de viver das pessoas que se enxergam no mundo sob outra perspectiva.

Para Almeida (2010), esses indivíduos são detentores de grandes saberes, não aqueles adquiridos no âmbito acadêmico, os quais são denominados pela autora, de saberes da tradição, ou seja, aqueles saberes obtidos ao longo da vida, através de suas vivências e experiências. A história clássica, normalmente, tem privilegiado o relato dos grandes sujeitos e acontecimentos, ou seja, é a história dos heróis; já a história oral, que emerge nos anos de 1960 como um contradiscurso, uma contra-história, para se contrapor a história criticada no século XIX, que abolia a história oral como fonte histórica. Ao dar voz às minorias e destacar pequenos eventos do cotidiano, essa abordagem do pó da história tira do silenciamento os sujeitos que a história oficial rejeitou. Assim, uma das características dessa metodologia está no enfoque dos detalhes que, muitas vezes, não são encontrados nos documentos.

(...) a história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos (Thompson, 1992, p. 17)

A memória social constitui-se em importante dispositivo para a preservação e disseminação de um acontecimento e possibilita às gerações futuras compreenderem o presente, relacionando-o ao passado, a fim de entender tais acontecimentos vividos. A memória coletiva é efetivada e exteriorizada através da oralidade, em rodas de conversas entre moradores da comunidade e que sustentam um estilo de vida particular, como procuro mostrar no cotidiano na Vila de Mutucal, território profundamente influenciado pelo ritmo da natureza.

A pesca artesanal é uma das principais atividades econômicas da Vila de Mutucal, sendo uma prática que obedece sempre o movimento das águas, a maré enchente e a maré vazante, sendo realizadas em rios, furos e áreas costeiras próximas. Durante a pesquisa de campo observei que esse saber é repassado oralmente e reforçado pela narrativa de Bianor que delimita espaços de respeito e impõe restrições quanto aos usos em excesso dos recursos pesqueiro.

O universo das encantarias tem sido estudado através das narrativas orais amplamente diversificadas. Diante disso, as memórias presentes neste trabalho são de moradores da comunidade, parentes e pessoas que vivenciaram a narrativa, pois seus

relatos são de fundamental importância para o caminhar dessa pesquisa. A partir disso, apresento os sujeitos da pesquisa, no quadro a seguir:

Quadro 1: Descrição dos participantes da pesquisa

Participante	Descrição
Aurelino Rocha dos Santos	73 anos, mestre de obras, aposentado, é morador da Vila de Mutucal, atualmente desenvolve atividades relacionada à artesanatos e confecções de objetos e utensílios da cultura local, em meio ao seu trabalho relatou-me, por vezes, emocionado, suas memórias e experiências vivenciadas ao frequentar o rio, que é morada do encantado.
Ernani Alex Alves dos Santos	43 anos, professor de física, é morador da Vila de Mutucal, de forma atenciosa apontou-me seus conhecimentos sobre a narrativa.
Dorotil de A. Souza	78 anos, aposentada, casada, moradora da Vila de Mutucal, recebeu-me com seu jeito extrovertido e relatou suas memórias sobre como Bianor age com quem desrespeita sua morada.
Eulália da S. Azevedo	Professora e moradora da vila de Mutucal, com 38 anos de trabalho na escola local, relatou-me de forma atenciosa suas memórias sobre o menino Bianor, repassadas por seus pais.

Fonte: Pesquisa, 2026

3. Fundamentação teórica

Os encantados que também são chamados seres do fundo, têm suas moradas nos rios, matas e florestas. Eles são entidades espirituais, uma vez que já foram humanos, como é o caso do encantado Bianor, e que depois de sua morte ‘encantaram-se’, passando a viver nas matas. Tais encantados incorporam em pessoas, comunicam-se de muitas formas com elas e as acompanham em suas vidas cotidianas.

Segundo Heraldo Maués (1990), os encantados são seres que, normalmente permanecem invisíveis aos nossos olhos, porém estes não se confundem com os espíritos, e manifestam-se de modo visível sob forma humana ou até de animais, fazendo sentir sua presença através de vozes ou outros sinais, como, por exemplo, o apito do curupira. Ainda segundo o autor, eles incorporam-se nos pajés e nas pessoas que têm o dom para

pajelança. Entre os encantados, os do fundo são muito mais significativos para os habitantes da região amazônica, pois habitam nos rios e igarapés.

O universo amazônico tem em sua formação uma mistura da realidade material e outra espiritual, em que esse universo é organizado em diferentes dimensões, as quais se fazem presentes na rotina da Vila de Mutucal. A primeira dimensão é aquela que se caracteriza por seus encantados fazerem suas moradas no fundo das águas; os rios, igarapés e lagos, nelas estão os encantados, como o Bianor, que também são chamados de encantos. Esse mundo é invisível no cotidiano, na maioria das pessoas, se manifesta em três formas de contato.

Segundo Filho (2013), os encantados se manifestam em três níveis: o primeiro ocorre quando alguém do mundo encantado se apresenta a nós, ou quando somos levados até lá por pajés ou em sonho. O segundo nível refere-se aos espíritos ou bichos da mata, que habitam matas fechadas, árvores grossas, pedras e caminhos. Esses seres são semelhantes aos encantados, porém suas moradas situam-se em pontos isolados. Já o terceiro nível é o dos humanos, no mesmo chão que pisamos, junto aos animais de casa e do mato, às plantas da roça e do quintal. É neste nível que a vida cotidiana acontece, mas ele não opera de forma isolada, pois há constante interação entre humanos e não-humanos. Se as árvores são cortadas sem pedir licença a presença do encantado é sentida através de seu poder de agência, exercido para regular e proteger seu território e sua casa. (Filho, 2013).

Os espíritos que têm forte relação com a defesa do meio ambiente são os encantados e os bichos das matas porque a natureza é a sua morada. Nessa mesma natureza há também os humanos, morando, trabalhando, buscando alimentos ou festejando, dessa forma os espíritos e humanos têm, então que conviver nos mesmos lugares. A exemplo dessa interação entre humanos e não-humanos podemos citar o curupira, ser que habita o segundo nível, o da mata, na qual protege e regula o seu território, quando alguém entra para desmatar, ele age para afastar os humanos desorientando-os ou esconde o caminho de volta, mas com os caçadores experientes que já conhece o assovio dele, funciona como aviso e limite, regulando assim os usos dos recursos da floresta.

De acordo com a pajé, Zeneida Lima (2022), em seu livro “O mundo místico dos Caruanas da Ilha do Marajó”, ela classifica essas agências com as quais interage em seu processo de pajelança, como energias karuanas, a Zeneida assim como Bianor sumiu nas matas quando era menina, mas diferente de Bianor, enquanto ela retorna ao mundo dos humanos como pajé, mediadora dessa cosmologias existente na Amazônia, Bianor

permanece no fundo do rio, como encantado e guardião territorial que habita o primeiro nível.

Bianor tornou-se uma energia karuana, um ser espiritual que habita o fundo do rio e regula seu território, que tem um papel importante na transmissão oral de valores passando de geração para geração. O estudo das Karuanas contribui para ampliar o entendimento sobre a diversidade cultural da Amazônia e os modos de vida que valorizam a conexão com o ambiente. A presença dessas entidades em rituais e narrativas também reforça a resistência de saberes tradicionais frente às mudanças sociais e ambientais na região.

Essa resistência é entendida por Kopenawa e Albert, como a luta pelo nosso futuro, (Kopenawa, Albert, 2023). Para os autores, a terra-floresta é *urihi*, que incluem não só os humanos *yanomami thé pê*, mas também os animais *yaro pê*, e xamãs *xapiri thé pê*, segundo os autores a floresta é uma entidade viva e sensível que sente dores causadas pelo desmatamento causado pela ação humana. Segundo os autores, a floresta é defendida pelos *xapiri*, os espíritos imagens dos ancestrais, dos animais e das águas. Dessa forma, entende-se que Bianor é um *xapiri* das águas em Mutucal, é uma imagem-espírito do rio que vê, que pune e que garante as regras do território. Enquanto enxergamos a floresta e o rio, apenas pelos seus recursos naturais de valor, os povos da floresta sabem que o espírito da floresta é que mantém as coisas no lugar. (Kopenawa; Albert, 2023). Em Mutucal, o Bianor é esse espírito, impondo limites aqueles que querem tirar da natureza além do que ela permite.

A pesquisa de Piedade (2024), intitulada “A narrativa do Fogo do Campo em Taperaçu Campo: uma perspectiva decolonial dos saberes amazônicos”, desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia da Universidade Federal do Pará, campus de Bragança, oferece um diálogo significativo com o presente estudo. Assim como a narrativa do Bianor em Mutucal, o Fogo do Campo em Taperaçu Campo constitui uma autoridade territorial que organiza a vida comunitária, regulando o uso do território transmitindo saberes por meio da oralidade. Ambas as narrativas emergem de comunidades tradicionais da região do Salgado paraense, banhadas por rios e pelos manguezais, compartilham uma epistemologia que situa os seres não-humanos como agentes na regulação da relação entre humanos e o meio ambiente.

Piedade (2024) analisa o Fogo do Campo como expressão de conhecimentos locais em perspectiva decolonial, mostrando que a narrativa não é uma invenção popular, mas uma realidade viva. A autora mostra que o Fogo do Campo, ao aparecer nos campos

e marés nos horários de maior vulnerabilidade, do qual atua como mecanismo coletivo de proteção do território, ensinando os moradores a respeitarem os limites que o próprio ecossistema impõe. Nesse sentido, a função regulatória do Fogo do Campo em Taperaçu Campo é igual a de Bianor em Mutucal: ambas autoridades territoriais delimitam espaços, estabelecem horários de interdição e punem aqueles que os desrespeitam. Nessas comunidades, a narrativa funciona como lei não escrita é essa lei que garante a preservação dos ecossistemas, transmitida de geração em geração pela oralidade.

Por isso, estudar o Bianor é importante, pois ele é um ser com agência que garante a continuidade da floresta em pé. A transmissão oral sobre o menino que virou espírito é o que ensina às novas gerações que o rio tem dono, os bichos têm dono, casa e lugar têm dono (Fausto, 2008). Assim, onde existe o dono, existe regras, onde há regras também existe memória.

Ao mobilizar a noção de dono em Mutucal, está não representa a propriedade privada no sentido jurídico. Como analisa Carlos Fausto (2008) em *Donos demais: Maestria e domínio na Amazônia*, nas cosmologias indígenas situa-se que o *jara* é uma posição xamânica de maestria, pois determina quem nutre, protege e controla a reprodução do domínio, seja ele uma espécie, um rio ou um território. Bianor, enquanto karuana do rio, opera na lógica, que para ele o rio não é como um bem, ele é a condição de existência do rio enquanto um espaço social. A sua agência se manifesta no castigo aplicado a quem desrespeita as regras de uso, pescar demais, cortar as árvores da beira, a ofensa não se dá contra uma lei, mas sim contra o próprio dono. Nesse sentido, entende-se que o território não é uma propriedade, mas uma rede de domínios cuidados por sujeitos não humanos, Bianor como *jara* do rio em Mutucal é o guardião da lei local.

O mundo místico da encantaria brasileira tem na Amazônia, um de seus maiores lócus de existência, região culturalmente gestada na confluência de matrizes, indígenas, europeias. Como afirma Ailton Krenak (2022) em *Futuro Ancestral*, que as cosmologias indígenas e africanas aproximavam-se em muitos sentidos quando se pensa o universo religioso e das encantarias.

Essa confluência entre matrizes indígenas e afrodiaspóricas fundamenta-se no conceito de confluência elaborado por Antônio Bispo dos Santos, o Nêgo Bispo, no artigo “Somos da terra” (SANTOS, 2018). Para o autor, quilombolas e povos indígenas, ao se aproximarem reconheceram em seus modos de vida e em suas relações com a natureza semelhanças profundas que, mesmo diante de línguas distintas, resultaram numa verdadeira cosmologia. Esse processo se diferencia da influência colonial, enquanto este busca impor-se sobre o outro, os povos originários e afrodiaspóricos praticam a

confluência como forma de comunicação, fortalecimento e resistência. Tal noção dialoga com a aproximação entre as cosmologias indígenas e africanas presente na narrativa de Bianor em Mutucal.

Como demonstra Agenor Saraf (2010), desde os tempos coloniais, que os modos de vida indígenas e das populações afrodiaspóricas da Amazônia são desrespeitados, tanto por poderes da igreja, quanto políticos, assim como, por civis, tais práticas são contra suas cosmologias, seus rituais, seus modos de acreditar e viver. Esses modos de vida são transmitidos por meio da oralidade em cantos, festas, rituais, curas os quais constituíram-se em territórios de resistência, em quilombos e aldeias, locais em que povos indígenas e populações afrodiaspóricas puderam resguardar e reafirmar sua religiosidade, práticas e saberes.

Na contramão das ordens do regime colonial, instituíram autoridades territoriais próprias, oriundas de matrizes orais e em seus modos de vida, resistindo e garantindo a continuidade de suas práticas culturais, saberes e memórias. Em Mutucal, o Bianor opera como uma dessas forças de resistência, que operam as mentalidades locais e reforçam suas relações com os territórios. Bianor é o karuana que regula o rio, pune as pessoas que desrespeitam as regras de convivência com a natureza, é ele, que seguramente, barra as ações predadoras do avanço do capital sobre esses territórios.

Essas práticas culturais, saberes e memórias garantem a continuidade da identidade afro-indígena da Amazônia, os seres encantados, seres da floresta, que são partes fundamentais da espiritualidade dos povos indígenas, são os guardiões da floresta e têm forte ligação com o território ancestral dos povos. Os habitantes da vila, eram e são os detentores desse importante saber sobre os seres que moram nos rios, são eles que aprendem a lidar com as intemperes da natureza e a conviver com Bianor, que ensina sobre o regime das águas e todo universo de seres que ele sustenta e resguardam esse vasto e precioso território dos mangues.

O ser humano não é o dono da terra; nós pertencemos ao território e dependemos dele para existir, diz o famoso Nego Bispo (2018), sendo para ele os territórios constituídos de diferentes povos (quilombolas, indígenas, ribeirinhos), eles podem ser fisicamente fragmentados, mas confluem e se unem na mesma luta pela soberania de seus modos de vida e pela biointeração com a natureza. O território é onde o vento sopra, onde a chuva cai e o corpo pisa, nesse mesmo território estão os animais, as plantas, a memória dos mais velhos e o mundo espiritual.

Gallois (2024) alerta para a diferença entre o conceito jurídico de “Terra Indígena” e a compreensão de territorialidade vivida pelos povos. Enquanto o Estado delimita a terra

como espaço físico e permanente, para os povos indígenas o território é construído culturalmente, envolvendo práticas, memórias e a relação com o ambiente e com seres não-humanos. Desse modo, o território é compreendido como espaço vivido e constantemente atualizado, e não apenas como área demarcada, o que dialoga diretamente com as experiências de memória e agência dos encantados em Mutucal.

Ser contracolonial, como nos ensina Nego Bispo (2018), é mais do que resistir, é afirmar a existência de outros mundos possíveis que já estão vivos antes de nós e estão enraizados as práticas e modos de viver dos povos indígenas, quilombolas e ribeirinhos, que as novas gerações guardam um legado, que transmitido pela memória, sustentam saberes e práticas e os ecossistemas amazônicos.

“ O território não é o lugar onde você mora, é o lugar onde você é”, (Santos, 2023, p. 84). É preciso dialogar com os saberes e territórios pois tudo que é vivo tem memória, e a continuidade depende também do saber que atravessa o tempo, reconhecendo que a ciência depende da continuidade através das pessoas em seus territórios.

As águas assumiram lugar de destaque em variadas narrativas e trajetórias de moradores empenhados em recompor paisagens de povos e culturas de nossa região. Há séculos que a natureza representa para esses povos muito mais do que o lugar de onde apenas retiram seus recursos necessários à sua sobrevivência, representa também o lugar de sua história, assim como a floresta é o lugar onde moram os seres espirituais encantados. Simboliza o ponto de contato dos seres humanos com os seres das águas, dos mangues e das matas.

A vida dos povos tradicionais, indígenas, quilombolas, extrativistas e ribeirinhos é permeada pela relação de respeito, conservação e veneração ao meio ambiente, pois ele é o espaço sagrado de onde se retira os elementos essenciais para a sobrevivência e a morada das encantarias, neste contexto Agenor Pacheco (2010, p. 105) afirma:

no veio das cosmologias que sustentam os modos de vida dessas populações de campos e florestas está a interação e respeito aos recursos naturais. Na contramão da lógica capitalista e globalizada que fragmentou o homem, a natureza e o campo espiritual, mergulhar no mundo das encantarias afroindígenas é reencontrar-se com concepções de ser, cujo centro é a vida humana em simbiose com o cosmo em todas as suas dimensões.

Em um mundo cada vez mais consciente sobre as questões ambientais é fundamental promover o conhecimento sobre os guardiões da floresta, como os karuanas, tendo em vista que são seres que também ocupam – moram, cuidam e protegem as diversas áreas que atualmente são alvos de degradação, desmatamentos e outros desastres que geram graves consequências para os diversos habitantes da floresta. Através desse

conhecimento podemos desenvolver uma relação mais respeitosa e equilibrada com a natureza, a narrativa do menino Bianor encantado na Ilha de Mutucal em Curuçá, carrega um legado importante de proteção e respeito ao rio existente na vila, no qual as pessoas que frequentam não jogam lixo, não fazem bagunça e preservam a mata ciliar ao redor, na narrativa do Bianor o rio apresenta-se como elemento indispensável pois foi a caminho dele que o menino desapareceu e nele que ele mora. A comunidade preserva o rio, mantendo uma relação de respeito com a natureza, festas e bebedeiras não ocorrem não há lixo nas margens do rio, e faz uma reflexão do quanto essa narrativa contribui para a preservação do meio ambiente.

4. Resultados e discussão

A oralidade em Mutucal revela que Bianor, não é um relato impessoal, mas sim uma autoridade territorial que regula o cotidiano dos moradores de Mutucal. As narrativas coletadas com os quatro sujeitos que compõe essa pesquisa, Aurelino Rocha dos Santos, Dorotil de A. Souza, Ernani Alex Alves dos Santos e Eulália da S. Azevedo, revelam que a memória sobre o encantamento do menino Bianor constitui, em Mutucal, muito mais do que uma história local. Ela funciona como um código moral de convivência com o território, transmitido oralmente através das gerações e atualizado continuamente na vida cotidiana da comunidade. A análise das fontes orais demonstra que o encantado funciona, portanto como lei viva do rio.

Percebe-se através das entrevistas que todos os quatro sujeitos narram o desaparecimento de Bianor a partir de experiências e referências diferentes, tanto familiares, como comunitárias e geracionais, mas todas constroem, em conjunto, uma versão coerente e socialmente compartilhada do acontecimento. Logo, a memória sobre Bianor não pertence a ninguém em particular: ela pertence à Vila de Mutucal.

Aurelino Rocha dos Santos, aos 73 anos, narrador e reconhecido guardião da história local, ele traz o relato mais detalhado do desaparecimento. Segundo ele, o episódio teria ocorrido em 1958, quando Bianor, com cerca de três ou quatro anos de idade, foi levado por uma tia ao rio da Dona Neca para lavar roupa:

Ela entretida com a roupa não se deu conta quando o menino desapareceu do lado dela o pessoal foram procurar não encontraram mais. (Aurelino Rocha dos Santos, 73 anos, entrevista realizada em Mutucal, Curuçá-PA, 2026)

Seu Aurelino relata ainda a organização coletiva das buscas, bancadas pelo comerciante Seu Alcides, que se estenderam por semanas, com turmas se revezando dia e noite pelas matas, mangais e varjas da ilha. A intensa mobilização comunitária em torno do desaparecimento de uma criança revela o quanto a vida na Vila de Mutucal é estruturada por laços de solidariedade e pertencimento ao território, onde o rio, a mata e o mangal são espaços compartilhados e cotidianamente frequentados.

A narrativa de Dorotil de A. Souza, 78 anos, a mais velha entre os entrevistados a qual é parente próxima dos pais de Bianor, seus relatos trazem detalhes que apontam para uma memória construída a partir de vínculos de parentesco e convivência com a família:

Aí foi quando ela pensou que ele ia indo atrás dela não viu mais aí pronto procura e procura e chamou ele e nada todo mundo saiu procurando por ele. (Dorotil de A. Souza, 78 anos, entrevista realizada em Mutucal, Curuçá-PA, 2026)

Já a professora Eulália da S. Azevedo, com 38 anos de trabalho o na escola da vila, relata sobre a memória transmitida pelos pais. A professora Eulália narra a ida à Praia da Romana com a autoridade de quem ouviu o relato do próprio pai, que ele participou:

Meu pai foi no meio pra lá contavam que ele vinha numa capa preta de cobra que era pra eles deixarem passar a primeira onda a segunda na terceira era pra eles cortarem aí eles não esperaram a terceira onda eles tiveram medo e vieram embora. (Eulália da S. Azevedo, entrevista realizada em Mutucal, Curuçá-PA, 2026)

Ernani Alex Alves dos Santos, professor de física de 43 anos, e o mais jovem dentre os entrevistados e a sua fala aponta para um dado significativo, as aparições de Bianor diminuíram com o tempo, mas o saber sobre ele permanece vivo e rege os comportamentos, as regras dentro da comunidade:

O aparecimento dele já não ocorre como no período em que ele desapareceu já não ocorre muito a gente não vê relatos pra a gente aqui ele é um encantado né só que ele aparece nesses intervalos de acontecimentos. (Ernani Alex Alves dos Santos, 43 anos, entrevista realizada em Mutucal, Curuçá-PA, 2026)

Na fala dos entrevistados fica evidente que a narrativa de Bianor não se apresenta como um relato fechado, mas ela se transforma, se adapta e se atualiza segundo as experiências de cada época, mantendo seu núcleo central, a ideia de que o menino não morreu, que ele é encantado e que habita o rio. Conforme aponta Le Goff (1996), a memória coletiva é sempre um processo de reconstrução, e não de simples preservação do passado.

As fontes orais apresentam Bianor como um karuana, uma entidade com agência sobre o território. Os interlocutores afirmam que Bianor é encantado e não morto. Essa distinção é fundamental nas cosmologias amazônicas: onde o encantado atravessa para

outro mundo sem passar pelo processo natural da morte, tornando-se um ser que continua a atuar sobre os vivos e sobre o espaço que habitava, assim Bianor não é passado, mas agente presente na regulação do rio.

Dorotil de A. Souza, em seu relato ela afirma que Bianor é:

Ele é encantado ele não é morto Pessoal dizem que ele morreu ele não é morto porque se ele fosse morto ele não aparecia ele mora no rio ele vive aí. (Dorotil de A. Souza, 78 anos, entrevista realizada em Mutucal, Curuçá-PA, 2026)

Este reconhecimento da diferença entre morte e encantamento possibilita compreender o universo cosmológico da Vila de Mutucal. Conforme Maués (1990), os encantados não se confundem com os espíritos dos mortos eles são seres que permanecem num plano de existência paralelo, manifestando-se de formas visíveis ou invisíveis e interagindo com os humanos. Bianor, como karuana do fundo, habita o primeiro nível descrito por Filho (2013), o mundo das águas, dos rios e dos igarapés.

A narrativa de Bianor também está ligada ao conceito de jara desenvolvido por Carlos Fausto (2008) ao analisar as cosmologias indígenas amazônicas o dono de um domínio, que nutre, protege e controla a reprodução daquele espaço. Nesse sentido Bianor é o jara do rio em Mutucal, na qual sua presença converte o rio em seu território. Seu Aurelino expressa essa relação ao afirmar como o rio reage à presença do encantado:

O rio lá nunca seca ele preserva e protege ao mesmo tempo ele mora lá. (Aurelino Rocha dos Santos, 73 anos, entrevista realizada em Mutucal, Curuçá-PA, 2026)

O rio que nunca seca, é narrado como efeito direto da presença de Bianor, este é um sinal de que o encantado sustenta e regula o ecossistema. Tal entendimento liga-se ao que os autores Kopenawa e Albert (2023) refletem sobre a floresta. Assim como os xapiri são os espíritos-imagem que mantêm a floresta em pé, Bianor é o espírito-imagem das águas de Mutucal, aquele que garante a continuidade do rio como território vivo.

A professora Eulália da S. Azevedo fala sobre um local no qual fica evidente essa Territorialidade, existe um ponto específico no rio um buraco de água cristalina reconhecido como a morada de Bianor, nas palavras dela:

Dizem que lá no fundo tem um buraco onde a água é cristalina só aquele pedaço dizem que lá que é a morada dele. (Eulália da S. Azevedo, entrevista realizada em Mutucal, Curuçá-PA, 2026)

Esse lugar, essa morada constitui o território, onde atribui ao buraco um caráter sagrado que organiza os comportamentos dos moradores ao redor dele. Neste sentido, a territorialidade, portanto, deixa de ser apenas geográfica, ela se torna cosmológica, tecida pelas narrativas que conferem sentido, nas leis, nas regras e também valor para o espaço habitado.

Um dos elementos mais recorrentes nos relatos de Mutucal, na memória dos moradores é a descrição de um sistema de permissão que regula o acesso ao território de Bianor. Quem entra no espaço do encantado deve pedir licença; quem não respeita essa regra é castigado. Esse sistema não está em códigos, e também não é ensinado por exemplo em ensino formal, mas, é transmitido pela oralidade e reforçado pelos casos de punição que circulam como relatos na comunidade.

O professor Ernani Alves sintetiza essa lógica:

Ele aparecia e dava permissão agora se a pessoa não pedisse seria castigada
Teve um caso aqui de uma pessoa que veio ela não pediu permissão pegou o fruto quando ele chegou na casa dele deu uma dor de cabeça tão forte que chegou até ir pro hospital. (Ernani Alex Alves dos Santos, 43 anos, entrevista realizada em Mutucal, Curuçá-PA, 2026)

O próprio Bianor, ao aparecer, ele faz essa mediação: apresenta-se ao visitante, pergunta o que ele quer e, se a resposta for em tom de respeito, ele concede a permissão. O encantado não proíbe o acesso ao rio, ao território, mas ele exige que o reconheçam como dono daquele lugar. Fausto (2008) ao fazer uma análise sobre a maestria, afirma que o jara não impede o uso do território, mas exige que o uso seja precedido de um gesto de reconhecimento de sua autoridade.

Aurelino narra um caso envolvendo uma visitante de Belém que chegou no rio com tom de desafio:

Lá chegou umas pessoas de Belém desses assim metido a gaiato é te mostrar Bianor que eu quero ver se tu existe a menina saiu quase leza gritando com dor de cabeça se rolando que só faltava ficar doida se não fosse atrás dessas coisas de pajé não ficava boa. (Aurelino Rocha dos Santos, 73 anos, entrevista realizada em Mutucal, Curuçá-PA, 2026)

Eulália relata um caso semelhante, desta vez envolvendo um grupo do Iririteua que foi ao rio sem pedir licença:

Pessoal tavam lá no rio bebendo na maior algazarra bora lá que eu quero ver mesmo o que tem lá naquele buraco quero ver se é verdade mesmo daí quando eles tavam lá eles viram tipo uma caveira no fundo eles começaram a fazer críticas deu uma dor de cabeça uma febre nesse rapaz que quase esse rapaz morre. (Eulália da S. Azevedo, entrevista realizada em Mutucal, Curuçá-PA, 2026)

Esses relatos de punição funcionam como base de exemplos para os moradores de Mutucal no qual regulam o comportamento coletivo. Ao circularem na Vila, eles reforçam o saber de que o rio tem dono, que esse dono exige respeito, e que a desobediência traz consequências. Ernani articula essa lógica conectando o universo cosmológico ao cotidiano:

Aqui a gente tem lei pra tudo você não vai entrar no mato sozinho não vai entrar nos rios no horário de 12h ou 18h aqui as pessoas respeitam as pessoas

que vão pro rio do Bianor o rio da comunidade é respeitado porque as pessoas tem medo do Bianor encanta-los. (Ernani Alex Alves dos Santos, 43 anos, entrevista realizada em Mutucal, Curuçá-PA, 2026)

Ao expressar “aqui a gente tem lei pra tudo” revela que em Mutucal, as leis transmitidas pela narrativa do Bianor funcionam como leis não escrita, mas que tem efeito no cotidiano. As restrições de horário, os rituais de pedido de licença, a proibição de entrar no mato sozinho, tudo isso compõe um código de condutas territoriais que está enraizado na memória coletiva que é transmitido de geração em geração.

Assim, Bianor não está presente apenas na tradição oral, mas institui-se como autoridade territorial que estabelece limites, cobra respeito e organiza a vida na beira do rio, a sua agência é o que assegura a continuidade da vida em Mutucal diante do rio e da mata, constituindo-se pela memória e pela experiência transmitidas de geração em geração. É entre os mundos visível e invisível que se sustenta a relação dos moradores com o território.

O último elemento identificado nas narrativas orais é a relação entre a narrativa de Bianor e uma ética de respeito e preservação da natureza. Trata-se, portanto, de um tema central na memória local, ele emerge de forma recorrente na fala dos interlocutores, evidenciando que para os moradores de Mutucal, a relação com o encantado e com a relação com a natureza constituem dimensões inseparáveis.

Aurelino expressa essa visão de mundo de forma contundente:

A natureza é um ser de grande poder uma força poderosa a qual ela traz muitos ensinamentos pra nós um ser vivente. Se ele se basear pela natureza pela força da natureza ele tem muito a aprender com a natureza. A natureza é a melhor faculdade que tem. (Aurelino Rocha dos Santos, 73 anos, entrevista realizada em Mutucal, Curuçá-PA, 2026)

A metáfora da natureza como “melhor faculdade” evidencia uma epistemologia própria, em que o saber, da floresta e das águas possui um valor que não se mede pelos critérios da educação formal. Esse é o que Almeida (2010) denomina de saberes da tradição, conhecimentos obtidos ao longo da vida, através das vivências e experiências com o território.

A natureza como espaço sagrado e como espaço de aprendizado aparece também no relato de Eulália, que tece uma crítica explícita à destruição ambiental:

A natureza pra a gente ela é tudo. [...] Por causa da desobediência do homem estão acabando com os manguezais com os rios muitos estão cerrando madeira tão destruindo queimando e a gente vive dependendo dessa natureza nós somos também criatura dela. (Eulália da S. Azevedo, entrevista realizada em Mutucal, Curuçá-PA, 2026)

Essa perspectiva dialoga com as reflexões de Krenak (2022) e Kopenawa e Albert (2023), que alertam para a destruição da floresta como uma agressão a existência de vida. Dorotil, com sua sabedoria, resume:

“A natureza é aquilo que nasce na natureza porque ninguém plantou.” (Dorotil de A. Souza, 78 anos, entrevista realizada em Mutucal, Curuçá-PA, 2026)

A distinção que Dorotil traça entre o que “nasce na natureza” e o que “a gente planta” aponta para uma cosmovisão que reconhece a autonomia e o valor intrínseco do mundo natural, independentemente da ação humana. Essa é uma perspectiva diferente da visão capitalista de natureza como recurso a ser explorado.

Aurelino também narra experiências pessoais no rio de Bianor que revelam como a presença do encantado se manifesta concretamente na regulação dos recursos pesqueiros:

Eu fui pescar uma noite lá no rio do Bianor eu peguei seis traíras ele pegou cinco fez onze numa sacola grande nos botamos chegamos aqui só tinha dez. Aconteceu comigo, meu filho e meu neto. (Aurelino Rocha dos Santos, 73 anos, entrevista realizada em Mutucal, Curuçá-PA, 2026)

O relato de que sempre falta um peixe é interpretado como um sinal da agência de Bianor: o encantado cobra sua parte, regula a quantidade extraída, impede o acúmulo excessivo. Essa prática simbólica de “devolver” ao rio parte do que foi retirado corresponde a uma lógica de reciprocidade com a natureza que estrutura as economias tradicionais amazônicas.

A narrativa de Bianor, portanto, não é apenas uma história do passado: ela é uma prática do presente, que regula comportamentos, orienta escolhas e sustenta uma ética ambiental enraizada na cosmologia local. Ernani sintetiza essa função regulatória ao descrever as normas comunitárias que derivam da presença do encantado:

Aqui as pessoas respeitam. O rio da comunidade é respeitado porque as pessoas tem medo do Bianor encanta-los.” (Ernani Alex Alves dos Santos, 43 anos, entrevista realizada em Mutucal, Curuçá-PA, 2026)

Essa proteção cotidiana do rio, sem lixo nas margens, sem bebedeiras ou bagunças, com respeito à mata ciliar e aos horários, é o resultado de séculos de transmissão oral, que reconhece no encantado a autoridade legítima sobre o território. Bianor, como bem sintetiza a oralidade em Mutucal, não é uma simples narrativa local, mas sim é uma autoridade territorial que regula a vida no rio.

A cantiga que Aurelino recita, transmitida de geração em geração como palavra do próprio Bianor, sintetiza a tese desta pesquisa:

No cajueiro onde eu moro / No meio do campo é meu dormitório / Papai chora, mamãe se maldiz / Por causa do filhinho que na mata se perdeu. (Aurelino)

Assim, a cantiga materializa, a transição de Bianor do mundo humano para o mundo encantado: o cajueiro é sua morada, o campo seu dormitório, e sua ausência é ao mesmo tempo luto e presença. Ele se perdeu na mata, mas não desapareceu: tornou-se a própria mata. Tornou-se o rio. Tornou-se a regra não escrita que garante, em Mutucal, que a natureza continue sendo respeitada.

5. Considerações Finais

Esta pesquisa buscou compreender como a narrativa do menino Bianor marca a memória e o cotidiano dos moradores da Vila de Mutucal, em Curuçá-PA. Por meio das entrevistas com Seu Aurelino, Dona Dorotil, Ernani e a professora Eulália, foi possível perceber que Bianor não é apenas uma história contada pelos mais velhos: ele é uma presença viva que orienta o comportamento das pessoas no rio, na mata e no território. Os moradores respeitam os horários, pedem licença antes de colher, evitam excessos na pesca tudo por conta da agência do encantado. Isso mostra que a narrativa de Bianor funciona, na prática, como uma forma de preservar a natureza e manter o equilíbrio da comunidade com o meio ambiente, transmitida de geração em geração pela oralidade.

Como moradora de Curuçá e estudante de História, este trabalho teve para mim um significado especial. Pesquisar sobre Bianor foi uma forma de entender melhor a cultura do lugar onde cresci e reconhecer o valor dos saberes que os moradores de Mutucal transmitem. A memória coletiva da comunidade sobre o encantado é um patrimônio cultural que precisa ser valorizado e preservado, pois ela diz quem esse povo é, como ele se relaciona com a natureza e como ensina às novas gerações que o rio tem dono e merece respeito. Desse modo, espera-se que este estudo contribua para que a narrativa de Bianor continue sendo narrada e reconhecida como parte importante da história e da identidade da Amazônia paraense.

6. Referências Bibliográficas

MAUÉS, Raymundo Herald. Uma outra invenção da Amazônia: religiões, histórias, identidades. Belém: Cejup,. 1999.

IBGE. *Curuçá*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2025. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pa/curuca.html>. Acesso em: 24 mar. 2026.

Grupo de Estudo Paisagem e Planejamento Ambiental: Curuçá (PA) <https://share.google/2XvHdxhq0CMHYIa9J>. Acesso em: 09 julho. 2026.

LE GOFF, J. História e memória. Campinas: Ed. da Unicamp, 1996.

DUARTE, Rosália. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 115, p. 139-154, mar. 2002.

PORTELLI, Alessandro; JANINE RIBEIRO, Tereza Maria Tosta; RIBEIRO FENELÓN, Rita de Cássia Domingues. Forma e significação na história oral: a pesquisa como um experimento em igualdade. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, São Paulo, n. 14, 2012a. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11231>. Acesso em: 2 jul. 2026.

PORTELLI, Alessandro; JANINE RIBEIRO, Tereza Maria Tosta; RIBEIRO FENELÓN, Rita de Cássia Domingues. O que faz a história oral diferente. Projeto História: Revista

do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, São Paulo, n. 14, 2012b. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11233>. Acesso em: 2 jul. 2026.

HALBWACHS, Maurice (1877-1945). A memória coletiva. São Paulo: Vértice, 1990.

ALMEIDA, Maria da Conceição de. Complexidade, saberes científicos, saberes da tradição. São Paulo: Livraria da Física, 2010.

THOMPSON, Paul. A voz do passado; história oral. – Rio de Janeiro Paz e Terra, 1992.

MAUÉS, Raymundo Herald. A ilha encantada: medicina e xamanismo numa comunidade de pescadores. Belém: UFPA, 1990.

FILHO, Florêncio Almeida Vaz. Isso tudo é encantado / Florêncio Almeida Vaz Filho e Luciana Gonçalves de Carvalho (Ed.). – Santarém: UFOPA, 2013.

LIMA, Zeneida, 1934. O mundo místico dos Caruanas da Ilha do Marajó / Zeneida Lima. – 8. Ed. – Belém, PA: Lettera L, 2022.

ALBERT, Bruce; KOPENAWA, Davi. O espírito da floresta: A luta pelo nosso futuro. Tradução Rosa Freire D'Aguiar. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

PIEDADE, Joana Darte Sousa. A narrativa do fogo do campo em Taperaçu-Campo: uma perspectiva decolonial dos saberes amazônicos. 2024. Dissertação (Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento) - Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Belém, 2024.

Fausto, Carlos. 2008. Donos demais: maestria e domínio na Amazônia. MANA, 14 (2): 329-366. <https://doi.org/10.1590/S0104-93132008000200003>

KRENAK, Ailton. Futuro ancestral. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

SANTOS, Antonio Bispo. Somos da terra. **PISEAGRAMA**, Belo Horizonte, número 12, página 44 - 51, 2018.

GALLOIS, Dominique Tilkin. Terras ocupadas? Territórios? Territorialidades? In: RICARDO, Fany (Org.). Terras Indígenas & Unidades de Conservação da Natureza: o desafio das sobreposições. 1. ed. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2004, p. 37-41.

PACHECO, A. S. Encantarias afroindígenas na Amazônia Marajoara: Narrativas, Práticas de Cura e (In)tolerâncias Religiosas (FAfroindígena Encantarias in the Marajoara Amazonia: Narratives, Cure Practices and Religious (in)tolerance) - DOI:10.5752/P.2175- 5841.2010v8n17p88. HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião, v. 8, n. 17, p. 88-108, 30 jun. 2010.

SANTOS, Antonio Bispo. Somos da terra. **PISEAGRAMA**, Belo Horizonte, número 12, página 44 - 51, 2018.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora; Belo Horizonte: PISEAGRAMA, 2023. 112 p.